COMO CITAR (Estilo Vancouver):
Guerrero Castañeda RF, Aguilar Machain P, organizadores.
Cuidar na demência: um guia para famílias e cuidadores.
Brasília, DF: Editora ABEn; 2026. 195 p. ISBN 978-65-89112-31-0.
doi: https://doi.org/10.51234/aben.26.e33

CAPÍTULO IV

CUIDADO CENTRADO NA PESSOA: O QUE É E COMO PRATICAR NO CUIDADO À DEMÊNCIA?

Larissa Venturini[I]
ORCID: 0000-0002-5401-3849

[I] Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, Rio Grande do Sul.

Como citar:
Venturini L. Cuidado centrado na pessoa: o que é e como praticar no cuidado à demência? In: Guerrero Castañeda RF, Aguilar Machain P, organizadores. Cuidar na demência: um guia para famílias e cuidadores. Brasília, DF: Editora ABEn; 2026. p. 35-43. doi: https://doi.org/10.51234/aben.26.e33_cap4

Autora Correspondente:
Larissa Venturini
E-mail: larissa.venturini@ebserh.gov.br



Revisora:

Caren da Silva Jacobi.
Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.

INTRODUÇÃO

Quando uma pessoa da família recebe o diagnóstico de demência, muitas dúvidas, medos e sentimentos aparecem ao mesmo tempo. Para muitas famílias, esse momento marca o início de um caminho desconhecido. É comum surgirem preocupações sobre o futuro, medo de não saber cuidar corretamente e insegurança diante das mudanças que a doença pode trazer. Algumas pessoas se perguntam como será a evolução da doença, se conseguirão lidar com as novas necessidades de cuidado ou se terão condições emocionais e físicas para acompanhar esse processo ao longo do tempo[1].

A demência não afeta apenas quem recebe o diagnóstico, mas também impacta profundamente a dinâmica familiar. Aos poucos, a rotina da casa começa a mudar e atividades que antes eram simples passam a exigir mais atenção. Pequenos esquecimentos tornam-se mais frequentes, objetos passam a ser perdidos com facilidade e compromissos podem ser esquecidos. Com o avanço da doença, novos desafios podem surgir, como mudanças no comportamento, dificuldade para reconhecer lugares ou pessoas, alterações no humor e na forma de se comunicar. Tarefas do cotidiano, como tomar banho, vestir-se, alimentar-se ou organizar a casa, podem tornar-se mais difíceis e, em muitos casos, familiares passam a assumir um papel de cuidado que antes não fazia parte da rotina[2].

Nesse contexto, é natural que o cuidado passe a ser organizado em torno das tarefas necessárias para garantir segurança e bem-estar: administrar medicamentos, acompanhar consultas médicas, ajudar na higiene, preparar refeições adequadas, supervisionar atividades e adaptar o ambiente da casa para evitar acidentes. Essas ações são fundamentais e fazem parte do cuidado diário.

No entanto, quando o cuidado se concentra apenas nessas tarefas, existe o risco de que um aspecto essencial seja esquecido: a pessoa com demência continua sendo a mesma pessoa que sempre foi, com sua história de vida, sua personalidade, seus valores, seus afetos e suas pREFERÊNCIAS. Embora a doença possa trazer limitações importantes, ela não apaga a identidade da pessoa[3].

A demência pode alterar funções cognitivas como memória, linguagem, atenção e capacidade de planejamento. Pode também modificar a forma como a pessoa percebe o ambiente ou reage às situações do dia a dia[2]. Entretanto, mesmo diante dessas mudanças, continuam existindo necessidades humanas fundamentais: sentir-se respeitado, acolhido, compreendido e tratado com dignidade[4].

Por essa razão, nas últimas décadas, profissionais de saúde, pesquisadores e organizações internacionais passaram a defender uma mudança importante na forma de cuidar de pessoas com demência. Essa mudança propõe que o cuidado não seja centrado apenas na doença ou nos sintomas, mas principalmente na pessoa que vive com essa condição. Essa abordagem é conhecida como **cuidado centrado na pessoa**[5].

O cuidado centrado na pessoa propõe um olhar mais amplo sobre quem recebe o cuidado. Em vez de considerar apenas as limitações impostas pela doença, essa abordagem busca reconhecer a pessoa em sua totalidade[6]. Isso significa valorizar sua história, compreender suas emoções, respeitar suas preferências e adaptar o cuidado de acordo com suas necessidades individuais.

Na prática, cuidar de forma centrada na pessoa significa lembrar que a pessoa com demência não é apenas um paciente ou alguém que precisa de ajuda. Ela é alguém que teve uma trajetória de vida, que construiu relações, que trabalhou, que teve sonhos, experiências e histórias importantes. É alguém que continua tendo sentimentos, necessidades e desejos, mesmo que nem sempre consiga expressá-los com clareza[7].

Além disso, muitas situações consideradas difíceis no cuidado diário podem ser melhor compreendidas quando olhamos para a experiência da pessoa com demência. Uma recusa ao banho, por exemplo, pode estar relacionada a vergonha, frio, medo ou dificuldade para compreender o que está acontecendo. A repetição de perguntas pode ser uma forma de expressar insegurança ou tentar manter uma conversa. A agitação pode ser resultado de desconforto físico, excesso de estímulos no ambiente ou dificuldade para se orientar no espaço[7].

Quando o cuidador consegue interpretar essas situações com sensibilidade, torna-se mais fácil responder às necessidades da pessoa de maneira mais adequada. O cuidado passa a ser menos baseado na tentativa de controlar comportamentos e mais orientado pela compreensão da experiência vivida pela pessoa com demência.

Essa mudança de olhar também pode trazer benefícios importantes para quem cuida. Muitos cuidadores relatam que, quando passam a compreender melhor o que a pessoa está sentindo e a adaptar a forma de cuidar, os conflitos do cotidiano diminuem. O cuidado torna-se mais tranquilo e o relacionamento entre cuidador e pessoa cuidada pode se tornar mais próximo e respeitoso[4,6].

É importante lembrar que cuidar de alguém com demência é um processo que envolve aprendizado contínuo. Não existe uma única forma correta de cuidar, e cada família constrói suas estratégias ao longo do tempo. O cuidado centrado na pessoa não significa realizar tudo de maneira perfeita, mas sim buscar, sempre que possível, respeitar a dignidade, a história e os sentimentos da pessoa que recebe o cuidado[1,5].

Nesse contexto, destaca-se também a importância da translação do cuidado, entendida como a capacidade de transformar conhecimentos científicos e recomendações teóricas em práticas concretas no cotidiano do cuidado. Na demência, isso significa adaptar orientações e estratégias às necessidades reais das pessoas e famílias, tornando o cuidado mais acessível, compreensível e centrado na pessoa. Dessa forma, o cuidado centrado na pessoa deixa de ser apenas um conceito teórico e passa a orientar práticas concretas de respeito, escuta e valorização da singularidade de cada indivíduo.

Este Capítulo foi elaborado pensando especialmente em cuidadores familiares e cuidadores formais que convivem diariamente com pessoas com demência. A intenção é apresentar, de forma clara e acessível, o que significa o cuidado centrado na pessoa e como essa abordagem pode ser aplicada no cotidiano do cuidado.

Ao longo do texto, serão apresentadas situações comuns enfrentadas por cuidadores e orientações práticas que podem ajudar no dia a dia. O objetivo é oferecer informações que contribuam para um cuidado mais humano, respeitoso e seguro, tanto para a pessoa com demência quanto para quem assume a importante tarefa de cuidar.

PRINCIPAIS DEMANDAS RELACIONADAS AO CUIDADO DE PESSOAS COM DEMÊNCIA

Cuidar de uma pessoa com demência envolve uma série de desafios que podem ser físicos, emocionais e organizacionais. Muitas famílias relatam que, no início da doença, as dificuldades estão relacionadas principalmente aos esquecimentos e à repetição de perguntas. Com o passar do tempo, podem surgir mudanças mais complexas, como dificuldades para realizar tarefas básicas, alterações de humor e comportamentos que geram preocupação ou insegurança[3].

Uma das situações mais comuns relatadas por cuidadores é a repetição constante de perguntas ou histórias. A pessoa pode perguntar várias vezes a mesma coisa em um curto período de tempo, mesmo após receber a resposta. Isso acontece porque a demência afeta áreas do cérebro responsáveis pela memória recente. Para o cuidador, essa repetição pode gerar cansaço e irritação, especialmente quando ocorre muitas vezes ao longo do dia[2,6].

Outra situação frequente é a dificuldade em realizar atividades que antes eram simples, como vestir-se, tomar banho ou preparar uma refeição. A pessoa pode esquecer a sequência das ações necessárias ou sentir-se confusa diante de tarefas que exigem vários passos. Essa situação pode gerar frustração tanto para a pessoa com demência quanto para o cuidador[3,7].

Mudanças de comportamento também são comuns. Algumas pessoas tornam-se mais agitadas, especialmente no final do dia. Outras podem apresentar irritação, resistência ao cuidado ou desconfiança. Em muitos casos, esses comportamentos não acontecem por "teimosia" ou "má vontade", mas porque a pessoa está tentando expressar desconforto, medo, dor ou dificuldade de compreensão do que está acontecendo ao seu redor[2,4].

Também é comum que cuidadores enfrentem dificuldades relacionadas à segurança da pessoa com demência. A pessoa pode esquecer o fogão ligado, sair de casa sem avisar, cair com mais facilidade ou ter dificuldade para reconhecer perigos no ambiente. Essas situações exigem atenção constante e adaptações no ambiente doméstico[2,3].

Além das demandas relacionadas diretamente ao cuidado da pessoa com demência, existe também o impacto emocional sobre quem cuida. Muitos cuidadores relatam sentimentos de cansaço, preocupação constante, tristeza ao perceber as mudanças na pessoa querida e, em alguns casos, culpa por sentir que não estão fazendo o suficiente. A sobrecarga física e emocional pode ser grande, especialmente quando o cuidado é assumido por uma única pessoa da família[2,5].

Diante dessas dificuldades, compreender o cuidado centrado na pessoa pode ajudar a reorganizar o modo de cuidar. Em vez de tentar apenas controlar comportamentos ou impor rotinas rígidas, o cuidador passa a buscar compreender as necessidades da pessoa, respeitar sua história e adaptar o cuidado de forma mais sensível e individualizada.

Por exemplo, uma pessoa que sempre valorizou muito sua independência pode sentir grande desconforto quando precisa de ajuda para tarefas pessoais. Outra pessoa que sempre teve uma rotina muito organizada pode sentir-se mais tranquila quando suas atividades seguem horários previsíveis. Conhecer esses aspectos ajuda a compreender melhor os comportamentos e a organizar o cuidado de forma mais respeitosa.

ORIENTAÇÕES PARA CUIDADOS PRÁTICOS

O cuidado centrado na pessoa não é apenas um conceito teórico. Ele se transforma em atitudes concretas no cotidiano do cuidado. Pequenas mudanças na forma de observar, comunicar e organizar o dia podem fazer grande diferença para a pessoa com demência e para quem cuida.

Uma forma de compreender esse cuidado é pensar em algumas experiências importantes que ajudam a manter a pessoa no centro das decisões e das interações. Essas experiências orientam o cuidado e podem ser aplicadas no dia a dia da família.

a) Conhecer a história e a identidade da pessoa

Uma das primeiras atitudes para praticar o cuidado centrado na pessoa é procurar conhecer profundamente quem é a pessoa com demência. Mesmo que a memória esteja comprometida, a história de vida continua sendo parte fundamental da identidade da pessoa[8].

Saber quais eram suas atividades preferidas, quais músicas gostava de ouvir, quais comidas apreciava e quais hábitos sempre fizeram parte de sua rotina pode ajudar muito no cuidado diário. Essas informações ajudam a compreender melhor comportamentos e pREFERÊNCIAS[7].

Uma estratégia útil é conversar com outros familiares e registrar informações importantes sobre a vida da pessoa. Perguntas simples podem ajudar nesse processo:

- Quais eram seus hobbies?
- Que tipo de música gostava de ouvir?
- Qual profissão exerceu?
- Quais eram suas comidas favoritas?
- Havia atividades que sempre lhe trouxeram alegria?

Essas informações podem orientar decisões simples do cotidiano e tornar o cuidado mais personalizado.

NA PRÁTICA DO CUIDADO:

Dona Maria sempre gostou muito de ouvir músicas antigas enquanto fazia tarefas domésticas. Depois que começou a apresentar sinais de demência, sua filha percebeu que, em momentos de agitação, colocar essas músicas ajudava a acalmá-la. Mesmo quando não lembrava exatamente das letras, Dona Maria sorria e acompanhava o ritmo da música.

b) Estimular a autonomia sempre que possível

Outra experiência importante no cuidado centrado na pessoa é preservar a autonomia. Mesmo quando a pessoa apresenta dificuldades, é importante permitir que ela participe das atividades do cotidiano sempre que possível. A autonomia não significa fazer tudo sozinho, mas sim participar de acordo com as capacidades que ainda estão preservadas[8].

Pequenas atividades podem contribuir para manter o sentimento de utilidade e autoestima, como: ajudar a dobrar roupas; regar plantas; organizar objetos; ajudar a arrumar a mesa; participar de pequenas etapas da preparação das refeições. O mais importante não é a perfeição da tarefa, mas a participação da pessoa.

NA PRÁTICA DO CUIDADO:

Seu João sempre ajudava a esposa a preparar o café da manhã. Mesmo após o diagnóstico de demência, a família percebeu que ele ainda conseguia colocar os pães na cesta e organizar as xícaras na mesa. Manter essa pequena atividade ajudou a preservar sua sensação de participação na rotina da casa.

c) Construir conexões e fortalecer vínculos

A relação entre cuidador e pessoa com demência é uma parte essencial do cuidado. O cuidado centrado na pessoa valoriza o vínculo, o respeito e a conexão emocional[9]. Pequenos gestos podem fortalecer essa relação:

- olhar nos olhos durante a conversa;
- chamar a pessoa pelo nome;
- falar com voz calma;
- explicar, de forma simples e tranquila, o que será realizado antes de iniciar cada cuidado ou atividade;
- demonstrar carinho por meio de gestos simples.

Mesmo quando a comunicação verbal se torna mais difícil, a conexão emocional continua sendo possível.

NA PRÁTICA DO CUIDADO:

Em alguns momentos, Dona Helena ficava inquieta e parecia confusa. Sua neta percebeu que segurar sua mão e conversar calmamente sobre acontecimentos do dia ajudava a tranquilizá-la. Mesmo sem compreender todos os detalhes da conversa, Dona Helena parecia sentir-se mais segura.

d) Compreender os comportamentos como formas de comunicação

Muitas situações que parecem "comportamentos difíceis" podem ser formas de comunicação. A pessoa pode não conseguir expressar com palavras o que está sentindo. Agitação, irritação ou recusa ao cuidado podem indicar dor, fome, sede, frio ou calor, necessidade de ir ao banheiro, excesso de estímulos no ambiente, medo ou insegurança[10].

Observar essas possibilidades ajuda a responder às necessidades da pessoa com demência de forma mais adequada.

NA PRÁTICA DO CUIDADO:

Dona Teresa costumava ficar irritada sempre no final da tarde. A família percebeu que isso acontecia nos dias em que ela passava muito tempo sem lanchar. Ao incluir um pequeno lanche nesse horário, a agitação diminuiu significativamente.

e) Envolver a pessoa nas decisões do dia a dia

Mesmo com limitações cognitivas, muitas pessoas com demência ainda conseguem participar de pequenas decisões. Oferecer escolhas simples pode ajudar a preservar o senso de autonomia[7,10]. Por exemplo, escolher entre duas roupas, escolher entre duas bebidas, escolher qual atividade realizar primeiro. Perguntas muito abertas podem gerar confusão, por isso é útil oferecer opções limitadas.

NA PRÁTICA DO CUIDADO:

Ao se preparar para sair de casa, o cuidador pergunta: "Você prefere usar o casaco azul ou o marrom?"
Mesmo que a decisão seja simples, a pessoa participa da escolha e sente-se incluída.

f) Adaptar o ambiente para promover segurança e conforto

O ambiente da casa influencia diretamente o bem-estar, a autonomia e a segurança da pessoa com demência. Algumas adaptações simples podem ajudar a reduzir riscos, prevenir quedas e diminuir situações de confusão e ansiedade[8,9]:

- manter boa iluminação nos ambientes;
- retirar tapetes soltos e objetos que possam causar tropeços;
- organizar os espaços, evitando excesso de móveis e obstáculos;
- reduzir excesso de estímulos visuais e sonoros;
- instalar barras de apoio no banheiro e em locais de maior risco;
- incentivar o uso de calçados fechados, firmes e confortáveis, reduzindo o risco de quedas;
- evitar, sempre que possível, práticas de contenção mecânica, que devem ser utilizadas apenas em situações excepcionais e como último recurso, uma vez que podem aumentar a agitação, o sofrimento e a sensação de perda de liberdade da pessoa com demência.

Ambientes previsíveis, organizados e acolhedores ajudam a promover maior conforto, segurança e tranquilidade no cotidiano.

NA PRÁTICA DO CUIDADO:

Após perceber que sua mãe estava tropeçando com frequência, a família decidiu retirar alguns tapetes da casa e melhorar a iluminação do corredor. Essas mudanças simples reduziram significativamente o risco de quedas.

g) Promover experiências positivas no cotidiano

O cuidado centrado na pessoa também envolve criar momentos de bem-estar e prazer no dia a dia[7,10]. Atividades simples podem trazer conforto emocional, como:

- ouvir músicas preferidas;
- olhar fotografias antigas;
- conversar sobre histórias da vida;
- caminhar ao ar livre;
- cuidar de plantas.

Essas experiências ajudam a fortalecer a identidade da pessoa e podem reduzir ansiedade e agitação.

NA PRÁTICA DO CUIDADO:

Seu Antônio sempre gostou muito de jardinagem. Mesmo com limitações cognitivas, sua família percebeu que ele ainda se sentia feliz ao regar plantas no quintal.

Transformar esse momento em parte da rotina ajudou a trazer mais tranquilidade ao seu dia.

h) Cuidar também de quem cuida

Por fim, é essencial lembrar que o cuidado centrado na pessoa também inclui atenção ao bem-estar do cuidador. Cuidar de alguém com demência pode ser uma tarefa exigente e prolongada. Por isso, é importante que o cuidador também encontre momentos para descansar, compartilhar responsabilidades e buscar apoio[5,9].

Conversar com profissionais de saúde, participar de grupos de apoio ou contar com a ajuda de outros familiares pode ajudar a reduzir a sobrecarga emocional.

SITUAÇÕES DO COTIDIANO QUE ILUSTRAM OS PRINCÍPIOS DO CUIDADO CENTRADO NA PESSOA

a) Quando compreender a história muda o cuidado

A filha de Dona Lúcia começou a perceber que sua mãe ficava muito irritada quando chegava o momento do banho. Todos os dias surgia alguma resistência: ela dizia que já havia tomado banho ou que não precisava. Em alguns momentos, ficava nervosa e se recusava a entrar no banheiro.

No início, a família acreditava que aquilo era apenas "teimosia". No entanto, ao conversar com outros familiares, descobriram algo importante: Dona Lúcia sempre teve o hábito de tomar banho à noite, antes de dormir. Durante toda a sua vida adulta, nunca gostou de banhos pela manhã.

A partir dessa descoberta, a família decidiu mudar o horário do banho para o período da noite. Também passaram a preparar o banheiro com antecedência, deixando o ambiente aquecido e explicando cada etapa com calma.

A resistência diminuiu muito. Dona Lúcia passou a aceitar melhor o banho e o momento tornou-se mais tranquilo.

Essa situação mostra como conhecer a história e os hábitos da pessoa pode transformar o cuidado. Muitas vezes, pequenas adaptações baseadas na trajetória de vida ajudam a reduzir conflitos no dia a dia.

b) Pequenas escolhas que preservam a autonomia

Seu Antônio sempre foi um homem muito independente. Após o diagnóstico de demência, passou a precisar de ajuda para algumas atividades do cotidiano, especialmente para se vestir. No início, sua esposa separava todas as roupas e o vestia rapidamente, acreditando que isso facilitaria o processo. Porém, percebeu que ele ficava irritado e, em alguns dias, resistia ao momento de trocar de roupa.

Com orientação da equipe de saúde, a família começou a oferecer pequenas escolhas. Em vez de decidir tudo por ele, passaram a perguntar: "Você prefere usar a camisa azul ou a branca?" Nas refeições, também passaram a oferecer opções simples, como: "Você prefere banana ou maçã?" ou "Quer tomar café ou leite?"

Mesmo com a progressão da doença, Seu Antônio ainda conseguia escolher entre opções simples. Essas pequenas mudanças trouxeram mais tranquilidade para os momentos de cuidado e alimentação.

A esposa relata que, quando ele participa das escolhas, parece sentir-se mais respeitado, valorizado e colaborativo.

Essa situação mostra como oferecer pequenas escolhas no cotidiano pode ajudar a preservar a sensação de autonomia, mesmo quando a pessoa necessita de apoio para realizar suas atividades diárias.

c) Comportamento como forma de comunicação

Dona Tereza começou a apresentar episódios de agitação no final da tarde. Em alguns dias, andava pela casa sem parar, dizia que precisava sair e demonstrava ansiedade.

A família inicialmente acreditava que aquilo fazia parte da doença e tentava impedir que ela circulasse pela casa. Em alguns momentos, isso aumentava ainda mais a agitação.

Após observar melhor a situação, perceberam que esses episódios aconteciam geralmente nos dias em que ela passava muito tempo sentada ou sem atividades ao longo do dia.

A família decidiu incluir pequenas caminhadas pela manhã e atividades simples, como regar plantas no quintal. Também passaram a oferecer um lanche leve no meio da tarde.

Com essas mudanças, os episódios de agitação diminuíram. Esse exemplo mostra que muitos comportamentos são formas de comunicação de necessidades, como cansaço, falta de atividade ou desconforto. Observar o contexto pode ajudar a encontrar soluções mais adequadas.

d) A força da memória afetiva

Seu Carlos sempre gostou muito de música. Durante a juventude, costumava tocar violão e cantar em encontros familiares. Com o avanço da demência, passou a ter dificuldades para lembrar acontecimentos recentes e, em alguns momentos, parecia mais quieto e desinteressado.

Um dia, sua filha colocou uma *playlist* com músicas que ele costumava ouvir quando era mais jovem. Ao ouvir as primeiras notas, Seu Carlos começou a acompanhar o ritmo batendo levemente os dedos na mesa.

Pouco tempo depois, passou a cantar trechos da música. A família percebeu que, mesmo com dificuldades cognitivas, a música despertava lembranças e emoções importantes.

A partir desse momento, ouvir música passou a fazer parte da rotina da casa. Sempre que Seu Carlos parece mais inquieto ou triste, a família coloca algumas dessas músicas.

A música tornou-se um momento de conexão entre ele e os familiares. Essa experiência mostra que a memória emocional e afetiva costuma permanecer preservada por mais tempo, e atividades ligadas à história da pessoa podem trazer conforto e bem-estar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cuidar de forma centrada na pessoa significa reconhecer que cada indivíduo continua sendo único, mesmo diante das limitações da doença. Quando o cuidado respeita a história, os sentimentos e a dignidade da pessoa, o dia a dia torna-se mais humano, mais compreensivo e mais acolhedor para todos os envolvidos.

Pequenas atitudes do dia a dia, como respeitar pREFERÊNCIAS, oferecer escolhas simples, adaptar o ambiente e valorizar momentos de conexão, podem contribuir significativamente para o bem-estar da pessoa com demência. Ao mesmo tempo, essas práticas também ajudam a fortalecer o vínculo entre quem cuida e quem é cuidado, reduzindo conflitos e promovendo uma convivência mais tranquila.

Em última análise, o cuidado centrado na pessoa nos convida a manter um olhar atento para aquilo que permanece: a identidade, os afetos e a dignidade da pessoa. Antes da doença, existe uma pessoa com uma trajetória única, e é a essa pessoa que o cuidado deve sempre retornar.

REFERÊNCIAS

1. Saragih ID, Suarilah I, Saragih IS, Pu L, Porta CM, Saragih H, et al. A meta-analysis of person-centered care interventions for improving health outcomes in persons living with dementia. Worldviews Evid Based Nurs. 2025;22:e12746. doi:10.1111/wvn.12746.

2. World Health Organization. Global status report on the public health response to dementia [Internet]. Geneva: World Health Organization; 2021 [citado 30 mar 2026]. Disponível em: https://www.who.int/publications/i/item/9789240033245

3. Kim YM, Jang MH, Sun MJ. Influence of self-compassion, burden of BPSD, communication behavior, and nursing work environment on person-centered care for patients with dementia among long-term care hospital nurses. Healthcare (Basel). 2026;14(1):15. doi:10.3390/healthcare14010015.

4. Agga AO, Sattar N, Macaraeg VCB. Home health care nurses' challenges in implementing person-centered care among elderly patients with dementia. Nurse Media J Nurs. 2025;15(1):42-52. doi:10.14710/nmjn.v15i1.65673.

5. Ichinose A, Anbäcken EM. What is person-centered care? Explorations from participant observations at a care home for persons living with dementia. Educ Gerontol. 2025:1-14. doi:10.1080/03601277.2025.2509999.

6. Brandt K, Almeida AM, Dickerson BC. Care plan trifecta: a multidisciplinary approach for person-centered care planning for persons living with a dementia diagnosis of AD/ADRD and caregivers. Alzheimers Dement. 2025;21:e106479. doi:10.1002/alz70858_106479.

7. Venturini L. Cuidado centrado à pessoa idosa institucionalizada com demência: teoria de médio alcance de enfermagem [tese]. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria; 2021.

8. Carparelli C, Oyebode JR, Riley GA. The association between the quality of care provided by family members and the quality of their relationship with the care receiver in dementia: a mixed-methods observational study. Inquiry. 2025;62. doi:10.1177/00469580241307798.

9. Scher C, Sadarangani T, Siamdoust S, Anderson K, Zagorski W. Person-centered impact of adult day services for people living with dementia and their caregivers. Innov Aging. 2025;9(Suppl 2):igaf122.1708. doi:10.1093/geroni/igaf122.1708.

10. Watt JA, Ismail Z, Lane N, Seitz D, Goodarzi Z. Management of behavioral and psychological symptoms of dementia: nonpharmacologic and pharmacologic interventions. Annu Rev Clin Psychol. 2026;22:In press. doi:10.1146/annurev-clinpsy-061724-085912.